

SEXUS como Fenômeno Primordial¹

G.R.HEYER - Ed JF Lehman

Adaptado por Dr. Pethö Sándor

A peculiaridade da psicoterapia como uma ciência limítrofe demonstra-se, entre outros, pelo fato de que nós temos que falar sobre o objeto dos nossos enunciados, qualquer que seja o assunto, sempre sob diversos aspectos. Tratando-se do próprio ser humano ou das áreas em que ele vive, por exemplo, da terra e do céu, do fogo e da água, do vegetal e do animal – sempre e inevitavelmente pertence ele a todas essas entidades, e cada uma delas, a diferentes áreas dele. “O que se movimenta entre céu e terra só pode ser explicado pelo céu e pela terra” (ERNST JUNGER).

Para abordar de modo acertado o organismo animado, temos que operar sempre de modo multidimensional. O que é material só podemos captar e contemplar por métodos da ciência natural. Mas no caso do não quantificável, isto é, da posição excepcional do “antropos” na natureza, entrando no jogo como ser animado, termina a área do enunciamiento da ciência natural, porque aqui há facetas bastante diferentes do ser, exigindo um modo de ver e pronunciar, a elas correspondente. Até dentro das ciências noéticas temos também que observar com cuidado que as diversas esferas psíquicas do nosso ser estão estruturadas de modo bem diferente uma da outra e tornar-se-ão adequadamente conscientes em diversas formas (GEBSER): como cogitação mental, como imagem mítica, como procedimento mágico, ou se realizam – como uma visão real – no trabalho do artista dotado. Somente o símbolo traz à expressão falada aquelas áreas da realidade que não se deixam descrever de modo objetivo-material. Isto vale ainda mais para aquele mundo diferente do ser que se manifesta como “sopro de poderes superiores”, no transporte metafísico-religioso, como sabedoria mais íntima do coração. Parece-me que o que foi dito ilustra-se especialmente bem através do exemplo da água. Certamente a água é também aquilo que a química denomina H₂O – quem quererá negar isto? Mas o que diz a fórmula química H₂O sobre a capacidade da água de acontecer em tantos e

¹ Foram feitas pequenas modificações de linguagem no texto original, visando facilitar a leitura, por Fernando Cortese.

diferentes tipos de fenômenos, como elemento líquido, gelo, vapor, névoa, geada, ou até como neve e “flores de gelo”, tomando formas que se aproximam das cristalinas, aparecendo como figuras semelhantes às plantas, verdadeiras obras milagrosas da natureza? Que água diferente experimentamos como jato de nascente na montanha, quando cai de rocha para rocha, ou como torrente majestosa que flui através da planície carregando navios, ou como mar alto com seu jogo de ondas! E chegaremos a uma realidade ainda mais significativa contemplando o lado metafísico do fluxo e do constante fluir, por exemplo, a água nos cultos e nos rituais, ou quando ponderamos sobre aquele simbolismo em que LAO-TSÉ colocou a água como elemento que embora mais brando vence a rocha mais consistente. Nenhum desses aspectos, nenhuma dessas realidades pode ser derivada de uma outra realidade, porque nenhuma delas é a “própria realidade”, cada aspecto no seu lugar é válido da mesma maneira que o outro no seu próprio lugar. O fato de que a água é conhecida e utilizada apenas como matéria, sem se considerar seu lado interno, dinâmico-sutil, fez com que hoje em dia a água se tornasse um problema central. A unilateralidade puramente mecanicista-utilitarista, que invade até a realidade material custa, assim, caro demais. Cada aspecto de um fenômeno transmite para nós, a seu modo, aquela realidade última e o “amodal”, aquele arquifenomenal, de que ele é um reflexo colorido.

Isto vale também para o Sexus. Assim como nós entendemos mais do que um conceito de fenômeno objetivo quando falamos em “Água” ou “Terra” ou “Céu”, já que lá paira sempre junto, algo ainda mais abrangente, uma realidade sutil de Ser, que só pela vivência contemplativa pode ser captada – exatamente assim é com o Eros e com o Sexus. Deve ter um ponto cego – ou vários deles! –, aquele que queira passar por cima ou desprezar suas elementaridades físico-fisiológicas, seu substrato básico-material. Da mesma maneira passaria por cima de importantes condições básicas, aquele que deixasse sem a devida consideração as categorias sociológicas tão determinantes na ocorrência generativa; já que entre os fatores de estampa social incluímos também a anamnese pessoal do indivíduo em crescimento, levantada tão meticulosamente também pelas escolas psicanalíticas. Por outro lado a visão sociológica hoje em dia contribui bastante para desconsiderar as diferenças essenciais entre o ente feminino e o masculino. Só podemos ser gratos, aprendendo a reconhecer o errado nas tentativas anteriores, isto é, a qualificar determinadas características ou atividades como “tipicamente masculinas” ou “tipicamente femininas”. Não se deve esquecer porém, que mesmo assim existe a diferença polar entre os dois lados do mundo e do ser, qualquer que seja a forma ou o

modo em que se manifestem momentaneamente. Eles se encontram por assim dizer, “um andar além” das categorias viáveis de pesquisas caracteriológicas e sociológicas. De modo clássico encontra-se no I CHING (Ideogr. 2): “... enquanto o movimento do criativo é a moção reta para a frente e seu descanso é o parar, assim o descanso do receptivo é o fechar-se e sua moção o abrir-se... enquanto o conseguimento do criativo consiste em que os seres isolados recebam sua forma determinada, o conseguimento do receptivo faz com que eles cresçam e desabrochem”. Mas o mais cuidadoso método psicológico e sociológico não atingirá aquela qualidade do fenômeno gerador que em lendas e mitos, em contos e poesias, em cultos e ritos foi enunciada e cultivada, enquanto o ser humano ainda tinha a consciência da sua participação cósmica. Os homens então realizavam ainda o milagre que aí atua; conscientes do segredo revelado, não chegaram a abusar do sexo ideando-o isoladamente; antes ele mediava justamente a ocorrência criativa, a vida que eternamente se renova, os grandes mistérios, já que a torrente passional jorra naquele claro-escuro da “estranheza da vida”, naquela existência “que se contrapõe ao intelecto insistente em uma inesclarecibilidade fundamental” (O.F.BOLLNOW).

Recentemente H. GOPPERT apontou com nitidez o insuficiente na tentativa de FREUD de interpretar a ocorrência sexual apenas do ponto de vista da ciência natural – enquanto o homem da antigüidade captava e realizava em mitos aquilo de que não é possível aproximar-se com mero raciocínio causal, isto é, o para-racional desta esfera. Assim o conhecido “complexo edipiano” tem como base algo muito mais significativo do que a ligação materna instintiva e privativa. Poderia ser denominado este último, o mistério “privatizado”, isto é, errado.

Somente quando esta ordem superior, essa fuga altidimensional foi esquecida, surgiram aquelas tentativas utilitaristas de interpretação, aquelas construções carentes de fundo real, que quiseram derivar o Sexus de uma das suas conseqüências, identificando-o com uma das suas funções parciais. Assim agora ensinam (e acreditam) por exemplo, que os dois sexos atraem um ao outro com o empenho de eliminar sensações de desprazer, e desfazendo o desprazer, ganhar prazer, nesses casos, aquela sensação de desprazer, da mesma maneira que a vivência de prazer, são concebidas multiplamente, até de modo puramente fisiológico – como impulso de “detumescência”, como se se tratasse de congestionamento e descarga hormonal. Construíram também um “instinto de propagação”, que apenas se serviria do prazer para conseguir sua meta ou seja “a

conservação da espécie”. A função de propagar a espécie constitui certamente um componente da ocorrência sexual, mas como móvel psíquico tal instinto não existe, ao meu ver. Como se sabe, SCHOPENHAUER apontou como um truque da natureza, que ela, pela ilusão do prazer (o que FREUD chama prêmio do prazer), nos seduz para fazer algo que o homem inteligente nunca faria, isto é, se propagar. (Isto age, nota bene, também nas doutrinas eclesiásticas, que justificam o abraço genital com o gerar de filhos).

Do ponto de vista científico tais teorias passam por reformulações e transformações. Mas na praxe teremos que lidar muitas vezes com pessoas que ainda pensam assim (e a vida sexual delas decorre também de modo correspondente); acontece que doutrinas científicas de ontem tornam-se cosmovisão das pessoas modernas.

Por isso o terapeuta, no encontro com as pessoas afundadas em necessidade existencial, tem que irradiar uma certeza basicamente segura, realizando na própria essência, um ser de maior amplitude. Aquele que corrige apenas paliativamente fenômenos e funções parciais, não conhecendo o Próprio, o Essencial e o Todo, nunca acertará aquele centro de que depende o efeito terapêutico. Certamente o Todo realiza-se sempre somente através do detalhe; por isso tudo que é parcial merece a nossa atenção mais cuidadosa. Mas não se deve esquecer que por outro lado, as partes ganham seu significado, seu valor posicional somente pelo Todo, de que são modalidades fenomênicas: *omnibus in partibus relucet totum*. Sem tal visão sinótica, EBBINGHAUS teria razão quando no seu Tratado de Psicologia declara que a análise da vida amorosa só leva a meras futilidades. O que foi dito, em nenhum lugar possui validade mais nítida do que no grande milagre do amor entre os dois sexos. ARMIM MULLER (apoiando-se em HEGEL e E.v. HARTMANN), formulou de modo acertado, que na tempestade da excitação, no estar fora de si na paixão, trata-se de uma volta da vida às suas origens, ao seu estado indiferenciado, que se perdeu na criação dos seres como unidades; nesse clímax, o indivíduo vivencia o romper de seus limites, intuindo nessas torrentes superiores, sua participação nas divinas forças criativas.

Uma tal incorporação do Sexus como encarnação do princípio criador na dignidade da existência humana, tornou-se um problema difícil pela desvalorização da categoria de criatura somático-telúrica, que aconteceu no decorrer do desenvolvimento ocidental. No Cântico dos Cânticos do Velho Testamento, o corpo ainda era o espaço de ação de Deus,

e o Talmud reza “Três coisas tem em si, algo do além: o Sol, o Sabbath e o abraço amoroso”. Mas as influências gnóstica-maniqueísta-platônica, causaram uma desvalorização sempre mais radical, pela Igreja, do corpóreo, especialmente do sexo. Mesmo que encaremos as auto-emasculações por motivos religiosos como excrecências, a identificação do pecado original com a sexualidade – desde AGOSTINHO – entrou de forma crescente em efetividade, e a “Imitatio Christi” – de THOMAS KEMPIS – a imagem-modelo para a vida espiritual dos cristãos durante séculos, exigia pertencer unicamente ao Deus, como Bem único, isto é, evitar com desconfiança as tentações do mundo, exercitando em ascese, a mortificação. F. NIETZSCHE: “A cristandade deu veneno para beber ao Eros: ele não morreu, mas degenerou-se tornando-se vício”. Como soaram apenas esparsamente, vozes contrárias, como a do grande J. von Corres: “Quando na sensação de plenitude do ser e na suprema incandescência da vida, os organismos se entrelaçam: então, no momento da mais alta reciprocidade do primeiro ato, surge a natureza na sua inteira globalidade; o novo espírito coloca-se na escada dos rebentos da essência do ser..., uma labareda vivente ascende; um novo ente será chamado ao vir-a-ser; inicia-se uma existência separada”.

Mesmo sem condenar o Sexus de modo cristão, como algo diabólico, a ciência secularizada esquece e profana inteiramente seu significado como “actus purus”. Isto aparece nitidamente nos enunciados dos filósofos. Enquanto Paulo justificava o relacionamento conjugal pelo fato de que, em todo caso, ajuda a evitar a prostituição (ou então em tradução diferente, “as práticas imorais”), define E. KANT, numa sobriedade desconsolável, o matrimônio como “o contrato de duas pessoas de sexo diferente, para a recíproca posse vitalícia das suas propriedades genitais”.

Enquanto a diabolização religiosamente fundamentada da instintividade e da impulsividade natural, representava um nível que corresponde ao acolhimento do ser humano em esferas sobreordenadas – mesmo que com sinalização negativa – a secularização do erotismo criou conseqüências ainda muito mais deploráveis. Operava ainda mais estreitamente o raciocínio da ciência natural, querendo explicar a existência de tudo, como se o superior houvesse se desenvolvido do inferior: como se o “homo humanus” fosse produto derivado do “homo naturae”. Assim também para a psicanálise, o “instinto” é o produto da categoria “pré-humana-animal” ou até de fatores químicos hormonais, sendo que a impulsividade animalesca só poderá ser civilizada pela

sublimação. Acontece porém, que toda a natureza é obra de Deus, e em tudo aponta para o ser humano, as diversas categorias e escalas de realização a que pertence. (PARACELSUS e E.DACQUE).

Um pequeno exemplo por mim mesmo experimentado: nos meus anos de estudante, apareceu um livro do então higienista em Munique, M. v. GRUBER, que aconselhava com insistência, executar o ato sexual da maneira mais breve possível, evitando qualquer excitação, o que pouparia descargas desnecessárias de força, sendo a meta, mesmo assim, certamente atingida(!).

Não quero ser crítico da geração nova e “cética”; para isto me falta uma visão mais ampla. Mas aquela objetividade neutra, observável muitas vezes, que executa o encontro físico em termos de satisfação de uma necessidade – como se fosse uma evacuação – não me parece ser diferente do racionalismo de GRUBER. Corresponde isso também, à atitude costumeira nos EUA de se descarregar no carro durante uma breve parada. Rebus sic stantibus, não é de se admirar que o Sexus no livro de KINSEY se torna quantificado em uma estatística e o orgasmo é sintetizado em uma tabela, como em uma lista de conquistas esportivas. Será isto realmente uma visão “natural”? Parece-me que a moderna sobrecarga de sexo diz o contrário: essa inundação explica-se pelo fato de que componentes essenciais da sexualidade permaneceram não assimilados, surgindo então do inconsciente e atuando assim, desintegrados e primitivizados. Pertence a isto, também, a tendência atual da literatura de se deleitar na exibição de situações eróticas.

O Sexus reverenciado pelos antigos em imagens cúlticas, festejado em relevos de vasos com arte exímia, projetado na Índia nas esculturas de paredes inteiras de templos, ganhou, precipitando-se das ordens superiores – poder demoníaco, porque tudo que não é reverenciado num “Olimpo”, demonifica.

Mais recentemente, várias vezes tentaram um posterior reembelezamento do sexo. Não chegaram porém, à plenitude do sentido do “actus purus” como tal, não o encararam como execução de uma observância religiosa, como “mysterium fascinosum et tremendum”, como o manifestar do evento criativo, como volta às fontes e como recapitulação – por assim dizer, recaptação – da origem eterna. Desta forma, a união física alcança um tipo de reabilitação, já que a derivam do amor espiritual, aquela categoria de

alto valor na sua essência, que é o Ágape. O ato psico-físico assim, não se baseia em si mesmo, sendo expressão de um outro evento. Como SCHOPENHAUER justifica o ato instintivo – e como tal, baixo – pelo propósito superior da conservação da espécie, assim nas mencionadas tentativas de reembelezamento, apontam a expressão de um móvel mais alto, que é o Ágape.

A esperteza de muitas novelas e filmes, e as ilusões cor-de-rosa pálido de muitas pessoas, repousam sobre tais equívocos. Sem estar em condições de admitir serem tangidos nos seus impulsos primários pelo “deus terrenus”, constróem então, fantasias. A insustentabilidade delas revela-se depois bem prontamente, já que as ilusões acabam no medíocre e obtuso comodismo da ociosidade burguesa chamado matrimônio, e as vítimas dessa solução errada aparecem nos consultórios como gente em necessidade.

De certo para esses necessitados já há bastante ajuda quando nós, de uma maneira simples, os levamos a adotar um modo de ver mais natural; às vezes isto já é feito com algum esclarecimento biológico. Mas pode acontecer da mesma maneira, que isto não baste. Justamente aqueles que tomam à sério o ato amoroso, de modo especial, querendo incorporá-lo em uma cosmovisão mais globalmente orientada, exigem uma ampliação de horizonte e aspectos que o esclarecimento costumeiro "racional", já não poderá transmitir.

Deve-se então procurar imagens que nos “en-caminham”. Nós as encontramos, por causa de fatos já anteriormente explicados, apenas escassamente, no campo da nossa cultura ocidental-cristã, a não ser que façamos uso de eventuais observâncias de cultos marginais isto é, de seitas que praticam magia negra. Temos que nos orientar, por causa disto, por aquelas culturas nas quais o corpóreo e o sexual não se encontram sob tabu, isto é, em categorias onde o Sexus sacral ainda é conhecido e experimentado. Aponto a obra significativa de G.EVOLA: “A Metafísica do Sexo” e também a de KLAGES: “Eros cosmogônico”, o interessado encontra aí material rico, discutido de ponto de vista elevado. Aqui, gostaria antes, de falar sobre as experiências na praxe, em relação com este assunto.

Em tratamento comigo, havia uma moça de cerca de vinte anos. “Felicitas” já amara uma série de homens mas nunca chegara a uma realização completa; a grande eclosão de prazer sempre ficava por acontecer. A análise regular conseguiu muito, mas nesse ponto

nada mudava. Certo dia houve o seguinte: Felicitas no divã, falou sobre seu problema, acentuando antes de tudo, várias vezes, que o ato – mesmo com companheiros em plena potência – nunca durava o bastante. Perguntei quase por acaso, quanto tempo deveria então durar, ao seu ver, uma união. Ela – mais em devaneio do que raciocinando – disse: “Oh! Muito, muito, muito tempo.” Então eu: “Talvez durante horas?” Felicitas, notava-se, estava perfeitamente ciente de que isto era uma insensatez; mas graças a Deus, agora não raciocinava de modo objetivo, mas mantinha-se na fantasia e respondeu suspirando doloridamente: “Sim, doutor, durante horas!” Também eu não recorri então ao frio raciocínio, indicando por exemplo, a inviabilidade de tal anelo, mas antes, acompanhando a paciente no seu devaneio, continuei: “Não é, Felicitas? Na realidade deveria durar eternamente”. Nunca esquecerei o olhar com que ela me fitou então, respondendo: “Sim, eternamente”. A voz com que a moça falou isto, era a voz da redenção. Mostrei a ela um livro de H. ZIMMER onde havia uma imagem de SHIVA e SHAKTI em abraço eterno e falei com ela sobre isto. Deu-se assim o primeiro passo para superar o sintoma em questão.

Encontramos mais frequentemente a fantasia sobre a relação eterna, o ato sem começo e sem fim, quando dirigimos nossa atenção nesse sentido – raramente porem com marcação tão clássica. Nem precisamos acentuar que isto nada tem a ver com qualquer primitiva “volúpia genital” ou com “insaciabilidade sexual”; mesmo as costumeiras colocações analíticas seriam desacertadas. Antes aconteceu aqui, o emergir de uma imagem mítica, das profundezas da psique, cuja assimilação pelo Ego da moça Felicitas – pertencente ao nosso círculo cultural – não poderia ser efetivada. Como já foi dito, para compreender realmente, e com isto elaborar essa imagem interna, precisávamos perscrutar outras camadas.

Elucidativas são as idéias que W. SCHUBART expõe no seu livro: “Religião e Eros”. Ele aponta dois tipos e modos em que o Eros pode ser vivenciado (e vivencia-se) como evento sacral: uma vez no sentido “religião de redenção” – representado quase exclusivamente na Europa ocidental – isto é, homem e mulher encontram-se no seu convênio amoroso, como duas metades que se completam. Os poetas já cantaram isso abundantemente e não necessitamos discorrer mais; até na linguagem cotidiana fala-se da “cara-metade”, etc. Além dessa redenção pela convivência pessoal, SCHUBART conhece o Eros excelso do orgasmo criador. Isto, para ser breve, significa que o par unido em amor, seria o portador, a epifania das forças criadoras que regem o cosmos. As ocorrências

personais de categoria física e psíquica dominantes no êxtase, não são a causa verdadeira do processo, mas apenas a realização, a encarnação da força primordial absoluta, masculina e feminina – do deus SHIVA e da deusa SHAKTI – porque na área cultural do Oriente distante, o que acontece não é considerado como encontro “pessoal”. Não são os dois indivíduos que, através do seu existir pessoal, são conduzidos um ao outro, submergindo mutuamente um no outro, mas o supremo poder criador os une, realizando-se a si mesmo através deles. O prazer vivenciado é também a participação no orgasmo criador, concedida a eles. O ato torna-se assim, um evento sacral. Justamente as prescrições cerimoniais que precisam ser observadas na aproximação e na coabitação – são uma indicação nítida de que a fusão dos sexos seria algo mais do que apenas a expressão do impulso sexual privativo; a “ars amandi” será assim uma execução sublime com profundo sentido. As prescrições ritualistas fornecem ao evento, o caráter de uma observância religiosa, permitindo a realização do poder supremo sobrepessoal.

O mistério do abraço sem começo e sem fim, estava por trás, no fundo da fantasia da paciente Felicitas. Um hindu, conhecedor dessas doutrinas, sabe sempre que ele e sua companheira são apenas encarnação momentânea do gozo criador – a moça européia identificou-se de modo ingênuo com as potências. Isto constituía a base do seu problema.

Desses aspectos projeta-se luz sobre as orgias cúlticas de ordem sexual; devemos entendê-las como representações da hierogamia, realizando no ilimitado enlevado frenesi generativo, a união do par divino e com isso, o superar dos opostos em um plano mais elevado, que é a reintegração do Todo e do Sacratíssimo. Em uma regressão produtiva – se podemos dizer assim – a panmixia desindividualiza (levando ao transpessoal) e assim poderá ocorrer o mistério da transformação. ÉVOLA fornece também, material para isso. Um outro ângulo de visão do oriente distante, incorpora a fusão amorosa nos altos dispositivos da existência. Pela doutrina da reencarnação, a descida em um corpo, para começar uma nova vida terrena, acontece de acordo com as existências já absolvidas anteriormente, para reendireitar o até então omitido ou executado erradamente. O propósito essencial do acontecimento erótico-sexual, aqui, é então a entelequia da alma que almeja a reencarnação. Nesta visão, o ato sexual – longe de qualquer rebaixamento ou até “pecado” – seria a execução parcial de um princípio cósmico sobreordenado. De certo LAO-TSÉ concebe isto de modo mais profundo no TAO-TE-KING. J. ULENBROOK comenta na sua introdução: “A Terra representa o poder da treva sempre parturiente e o

céu, o da luz contínua; assim corresponde a treva parturiente da Terra, ao que já passou e a luz geradora do céu, ao vir-a-ser. O caminho certo, (Tao-Te-King), de que, como no Uno primordial, ora a treva parturiente, ora a luz geradora, são apenas dois aspectos, conduz inevitavelmente esses dois poderes através da sua transbordante força anímica, de novo à união na concordância do ato generativo, criando dessa maneira, no trajeto sempre arredondado do ano e das estações, as 10.000 criaturas.

Espero que tenha ficado bem claro que não se trata aqui de uma sacralização posterior, mas, enquanto a ocorrência natural – a sensual – é incorporada nas mais altas esferas metafísicas, a fusão copulativa É sagrada em si mesma, como tributo aos poderes que se geram continuamente através dela.

É verdade que tais imagens peculiares àquelas culturas distantes não são as nossas; seria realmente insensato querer, por exemplo, transportá-las até nós! Mas ao meditarmos sobre aquelas doutrinas, ritos e observâncias, abre-se para nós uma compreensão mais ampla do erótico, do quanto é permitido na atitude ocidental, de animosidade para com o Sexus. Tal meditação produz um alargamento do nosso ser interior, assim será também compreensível a ineficiência de tantas tentativas de esclarecimento, tanto nas orientações técnicas de cunho racional-objetivo, como no aformoseamento biolítico (...as borboletas fazem assim...), esquecendo-se ambas as tentativas, da profundidade que domina o fenômeno primordial do morrer e vir-a-ser. Quando o momento do Sexus ultrapassa o aspecto profano que é o que conhecemos e é elevado ao trajeto do evento sacral (!), então há uma aproximação àqueles mistérios que ocorrem quando dois “tornam-se uma carne só”. Porque não é nem permanecerá mistério, e até o mistério tornar-se-á sempre mais claro, na medida em que experimentamos mais as suas seqüências. Não é justamente o contrário do que EBBINGHAUS preconizou (futilidade da análise da vida amorosa)? Aquele milagre que, como volta à origem primordial, cancela a separação dos opostos – isto é, a “queda original” (queda significa separação), - nas imagens do gozo criador, na participação, na união do par divino, aparece pleno de significado. Meditando sobre isto, elucidam-se fenômenos já bem conhecidos. Assim, por exemplo, os opostos como prazer e dor, nascer e morrer, crueldade e bondade, cancelam-se no entrelaçar amoroso, de modo mais impressionante no orgasmo, da mesma maneira como a oposição entre masculino e feminino, ativo e passivo, eu e não eu, entre eu e mundo, espírito e natureza, tempo e espaço também. Entendido assim, isto é, como poder primordial metafísico,

permitirá o Sexus a vivência, o ocorrer do estado não dual. Por isso é ensinado sempre nas numerosas doutrinas esotéricas, o reestabelecimento da androginia – o Rebis dos alquimistas – como idéia mais alta, tratando-se daqueles humanos primevos sobre os quais, entre outros, PLATÃO fala na “Ceia”.

Conhecendo esse fundo transracional, tornar-se-ão logo compreensíveis também, aqueles sentimentos e manifestações dos amantes que de outro modo representariam uma insensatez. Recordo-me da vivência da sensação de estar há muito tempo íntimo, de afinidade misteriosa, de uma pátria comum das almas (sobre o que especialmente, KLAGES diz algo bastante importante, no seu “Eros cosmogônico”; lembremo-nos também da poesia de GOETHE “Tu estavas em épocas mui remotas, minha irmã ou esposa”). Ou consideremos a afirmação repetida e tão freqüente daqueles que são tomados por Eros: “Ninguém jamais amou assim”. Do ponto de vista objetivo-racional isto só pode ser uma loucura que se deveda como estultice já pelo fato de que tal afirmação de “jamais”, de “nunca antes”, aconteceu inúmeras vezes. Mas o evento inebriante – de qualquer maneira, diferente da loucura rematada, sendo antes a intensificação do ser em uma existência descerrada, é inabordável categorialmente pela ordem conceitual. Quando o divino-fechado transcende numa vida indivisa-aberta e o eterno atemporal torna-se uma vivência, então isto é um milagre – mas um milagre é sempre incomparável e único, absoluto. Como é válida aqui, de modo relevante, a palavra de NOVALIS: “Aqueles que assim amam e beijam sabem mais do que os doutos eruditos!”

GOPPERT está relativamente próximo destas considerações ao apontar, referindo-se a V. von WEIZSACKER, que na união do homem e da mulher não são cancelados apenas os opostos masculino e feminino, mas também o ativo e o passivo, da mesma maneira a polaridade Eu e Tu, cá e lá, fora e dentro, perdendo o tempo sua validade própria elevando-se a si mesmo em tal átimo atemporal. Aqui será tocada a imensidão do Absoluto no espaço finito; o prazer em que tal “inverossímil” pode ser vivenciado, será então, na sua essência, transcendente, diz GOPPERT, citando também NIETZCHE, segundo o qual “todo prazer quer eternidade, quer profunda, profunda eternidade”. – Também A. CORRES aproxima-se de certo modo de tal ponto de vista, dizendo que se abre, além dos limites daquilo para que, até então, o método analítico dava boa cobertura, uma área não mais viável a tal método; a psicanálise, além desses limites, aponta conteúdos que precisam ser examinados por outros dispositivos psicológicos. Mas se

CORRES espera que também essa área poderá ser explorada pelo conhecimento científico e pelo método psicanalítico – do modo que ele, como freudiano, representa – a meu ver não considera suficientemente que os conteúdos delineados por von WEIZSACKER e GOPPERT – pertencendo a uma esfera transcendente, “sacer” como aponta GOPPERT com acerto – fazem parte de uma realidade que se recusa a uma ordem apenas racional e até apenas da ciência natural; sendo na sua essência inabordável por uma ciência como a representada por FREUD. Eu já várias vezes salientei que dessas áreas somente artistas sabem e podem transmitir os conteúdos – pelo símbolo, pelas imagens, pelo mito e, por último, tratando-se de algo transcendental, apenas pronunciamentos religiosos aí têm competência. (Refiro-me também ao meu outro texto “Psicoterapia como ciência limítrofe”).

Seria necessário um estudo posterior para demonstrarmos como os diversos processos da vida erótico-sexual que freqüentemente aparecem diante de nós como enigmas dificilmente compreensíveis, só poderão ser elucidados através de uma visão metabiológica. Penso nas experiências do trabalho prático, mencionando por exemplo, o desejo justamente pela relação sexual ilegítima. M. ELIADE e G. EVOLA fizeram ver, de maneira compreensível, utilizando rico material, que não a esposa legítima, mas a moça que se encontra fora das ordens sociais, morais e religiosas – especialmente a prostituta – possui aquela força, aquele fluído, aquele “mana” que espalha matéria primordial, não ligada à forma, que é a feminilidade. O romance “Lolita” tem suas raízes nessa base, mesmo que seja desacertado, deturpado, e americanizado; também as figuras de WEDEKING – Lulu! – e umas da Opera de Três Vinténs.

Devo mencionar, de passagem, que a instituição do harém, a meu ver, - no intento de explicação pela perspectiva ocidental, originada apenas da suposta premência sexual excessiva do homem patriarcal do oriente, - encontra seu fundamento mais íntimo no fato de que a transmutação, sendo uma observância constantemente realizável, que faz da dualidade a unidade, nunca pode ser executada com freqüência suficiente na união física. Refiro-me a isto, aqui, também para ilustrar a exigência constantemente levantada pelos psicólogos da psicologia profunda, de que as formas de comportamento da nossa sociedade sejam as únicas “normais” e outras configurações da existência sejam julgadas como abomináveis e pervertidas, pela linha mestra do já conhecido e válido para nós.

O mesmo vale para o tema da virgindade. Em outro estudo já apontei que a virgindade, como é entendida em termos da psicologia profunda, é algo bem diferente do estado ileso do hímen, e bem diferente da noção costumeira de castidade do ponto de vista moral. Para a esfera pré-racional-mítica do ser profundo, o “virginal” significa uma preciosidade endopsíquica, um tesouro possuído pela fada, sereia, ninfa, valquíria – também em caso extremo pela amazona – como “mana”, poder mágico-misterioso; certas figuras de donzelas, em muitos contos são também, portadoras dele. Muitas dificuldades para se tornar mulher, dão-se pela identificação com o arquétipo “virgem”. E. NEUMANN: “Amor e Psique”, contém bom material a respeito. Isto nada tem a ver com a castidade no sentido burguês, nem com a idéia de que seria a consequência de traumatismo ou angústia neurótica; mas trata-se, em resumo, da psicologia de Brunilda: a feiticeira atrás das labaredas cintilantes e na couraça de prata, quer conservar seu poder indecifrável e inesgotável – quer, mais precisamente, manter-se acolhida no campo de força sobrepeçoal (porque em tudo que é mágico, é importante o poder!). O desejo do homem pela virgem será incompreensível apenas por banal cobiça voluptuosa; cada mulher vivida prometeria muito mais prazer sexual. O motivo verdadeiro aqui seria o anelo semelhante de chegar a possuir aquela força. Já que tal empenho acarreta grandes perigos, a conquista da virgem costuma ser um dos conseguimentos do herói. O perigo maior que jaz na intrepidez daquela grande paixão, expressa-se também nos contos; assim o moço que saiu em busca da sensação do medo, antes nunca experimentado, aprende a conhecê-lo no leito nupcial. Romances de cavaleiros pertencentes, por exemplo, à Távola Redonda, demonstram o perigo desse aventurar-se nos torneios, onde se encontram estreitamente ligados o tão desejado supremo bem, o prêmio, junto com a morte; lembremos a figura de MERLIN que finalmente perece pelo abraço de NINIANE, a mulher do lago, e, por outro lado, o cavaleiro que se atrapalha no torneio é o que sobrevive. THOMAS MANN mostra (no artigo “Wagner e nós”), de modo estimulante, como RICHARD WAGNER na sua “mescla de originalidade e modernismo psicológico, até psicanalítico” – “um grande mensageiro da natureza psíquica” – faz com que SIEGFRIED, “a alma que não tem noção de coisas atemorizantes” experimente o medo: “...em torno das rochas da virgindade, sai dele angústia ardente, que domina o primordial masculino impulsionado pela destinação geradora despertada, soltando um grito para pedir ajuda à sacra feminilidade, que é a mãe, ao mirar a desejada com tanto temor (a Valquíria sem couraça): “Essa não é homem!...Angústia ardente prende-me os olhos, meus sentidos tonteiam e se perdem! Quem devo chamar, que me ajude e salve? Mãe! Mãe! Onde estás?”(cena do guerreiro

que percebe que seu adversário é, na verdade, uma mulher). Podemos encontrar também esses destinos em realização mais moderada e profanizada, e não muito raramente...

Ainda mais, essas virgens não se entregam a um cortejador sutil, que as “carrega na palma da mão” ou as “endeusa” – mas elas, ora em fantasias isoladas, ora na realidade, serão tomadas por aquele que as domina e subjuga, que as rapta como violentador. A assim chamada algolagnia (SCHRENCK - NOTZING - busca do prazer pela dor) corresponde à essa lei. A dor – basicamente indiferenciada do prazer - rompe a couraça do Eu, develando a categoria original da esfera pré-pessoal. Apenas o “herói” consegue chegar àquela esfera profunda, provocando o êxtase em que ocorrerá a metamorfose da virgem em mulher (o que, nota bene, atua sensivelmente na dor da defloração). Quantas decepções no amor e no matrimônio originam-se da ignorância geral dessas realidades dinâmicas primordiais.

Como já foi dito, tais conexões não figuram sempre em cada realização; antes encontramos finalidades e propósitos tão encobertos pelo privativo e cotidiano, que é expressamente melhor para o terapeuta não tocar nesses pontos silenciosos. Mas mesmo assim é sempre aconselhável que ele saiba disto. Várias vezes porém, a terapia não progride sem aquela amplificação, isto é, sem a consideração cuidadosa dos propósitos ocultos de uma consciência mais elástica e paulatinamente ampliada.

Assim aconteceu com a mulher que só podia chegar à realização quando o marido a abraçava por trás (isto é, além do mais, uma posição de coito que em muitos povos representa o costumeiro; o fato de que esses povos, depois de contatar os brancos, denominaram o nosso modo a “postura do missionário” – é uma contribuição ao já mencionado de que o natural pode ter validade sob aspectos bem diferentes). Essa mulher porém, educada no catolicismo convencional, podendo ser tudo menos uma depravada, antes uma alma especialmente casta e contida, emaranhava-se, por causa dessa “perversão” – ela assim o considerava – num sério conflito. Já que os aconselhamentos sacerdotais não surtiram efeito, veio ao tratamento psicanalítico. O esclarecimento dos sonhos demonstrou que o homem que a possuía por trás era “o grande desconhecido”, o estrangeiro, a quem na antigüidade, em muitas cidades, as mulheres, como hieródulas, deviam entregar-se no templo, o que, de maneira bastante errada, chama-se hoje uma “prostituição sacral”, porque o desconhecido é – o Deus. A união era o hierosgamos, as núpcias sagradas.

Naturalmente essa explanação não dá ainda nenhuma solução para o problema da paciente. Mas pela primeira vez, fê-la sair do seu tradicional estreitamento confessional, em que anteriormente seus sentimentos de culpa só a emaranhavam cada vez mais. O próximo passo terapêutico deparou com uma tarefa difícil: a comunicação na área mágico-mítica tem caráter impessoal – o que também fizemos notar nas nossas conjecturas sobre os conceitos cúlticos no Oriente distante. Nós porém, como “*animae veriter christianae*”, não mais mágico-míticas, mas ocidentais modernos que vivenciam mentalmente, estamos diante da tarefa de nos propor, conservando sempre o elo pessoal, a uma participação digna com os poderes telúricos. Essa é uma exigência que desafiará as gerações futuras, uma vez que será sua tarefa reintegrar o até então represado, diabolizado, isto é, o ctônico.

As camadas psíquicas das quais emergem tais motivos, na nossa civilização estão demais encobertas, mas às vezes tornam-se efetivas até na nossa consciência. Quando isso acontece, há porém os que julgam mais cômodo brilhar com palavras difíceis, falando então de neuroses, complexos ou perversões. Só que isto ajuda pouco ou nada, em geral. Também não se pode dizer que tudo isso raramente ou nunca ocorre na praxe. O fato de que a intromissão de freqüências arcaico-mágico-míticas não é percebida mais vezes, reside na nossa atitude já costumeira de postular tais fenômenos imediatamente, segundo um esquema de rotina e uma doutrina vigente. Isto talvez resolva a questão para os que se empenham apenas nas classificações, ou para os fixados compulsivamente no raciocínio causal, ou para os ultra-cautelosos, por causa de um superior acadêmico – mas certamente, para as pessoas em necessidade, não fornece nem a solução nem a salvação.

Já relatei certa vez sobre uma mulher que durante anos foi tratada por causa de dismenorréias dolorosas das quais resultavam profundas depressões. Também uma análise comum não alterava a situação: a ocorrência mensal era considerada como profunda degradação. Só quando eu, na realidade sem muito pensar, acidentalmente e quase sem querer, mencionei uma vez o “sacrifício mensal à lua”, que visivelmente alertou a paciente e isto, em conseqüência de explicações baseadas em costumes e observâncias etnológicas, tornou-se claro como evento sacral, como mistério lunar, só então – desde aquela hora – ela curou-se de uma vez.

Outro acontecimento conservou-se na minha memória, como mais impressionante até. Uma senhora de princípios muito rígidos superou num dia seus recalques, entregando-me um bilhete – porque era impossível para ela verbalizar tal coisa – em que constava que ela luta desesperadamente com uma imagem que sempre surge: ter relações com o bode. O olhar perscrutante com que a professora da Bavária, rigorosamente católica, me fitou, fez-me entender que ela certamente esperava um anátema ou ao menos a repetição da exigência várias vezes levantada pelo seu confessor, de se defender com toda a força da vontade ou com preces, contra a tentação – o que aliás nunca ajudou. Em vez disso, contei a ela como o deus Dionísio foi festejado na antigüidade clássica – Dionísio, o deus das mulheres, do êxtase, da transmutação, da terra, sendo o bode seu animal acompanhante, aquele de cuja denominação grega (tragos), a tragédia até hoje conserva o nome. Então eu expliquei à moça, graças a Deus, inteligente, como o deus Dionísio, através da difamação de todos os cultos pagãos em relação com o sangue e terra, da mesma maneira que o deus Pan, tornou-se o diabo dos cristãos, cujas patas de bode documentam nitidamente sua origem dionisíaca. Surgiu daí um diálogo que durou várias horas, e que salvou a vida da jovem, como soube posteriormente; porque ao me despedir da paciente, ela colocou, com gesto comovente de confiança e gratidão, um revólver sobre a minha escrivaninha, admitindo que queria se matar, se não houvesse possibilidade de ajuda no seu caso. Afirmando que não se tratava de uma atitude histérica, mas de uma seriedade tocante, de alguém em desespero. Sua biografia posterior mostrou realmente um ser humano superior, que permaneceu inabalável, mesmo em momentos cruciantes da existência.

Poderíamos continuar os relatos da praxe, com o caso, por exemplo, de um jovem colega, altamente dotado, que foi tomado de angústia em um domingo na igreja, quando imaginou o crucifixo com o membro ereto. Também ele, que pensava ganhar a salvação de maneira ascética e afastado do mundo, tinha que aprender o conceito de Sexus – não em termos da assim chamada “ocorrência natural”, mas como encarnação do princípio gerador, fenômeno primordial.

Mesmo apresentando inúmeros exemplos, haverá alguns apontando o aqui apresentado como utopias românticas, enquanto outros demonstrarão a controvérsia com as opiniões científicas atualmente predominantes. Diante disso, devo declarar que na grande tradição da nossa cultura houve muita coisa já conhecida mas esquecida com o

decorrer do tempo. Se os românticos – NOVALIS – também já sabiam algo, aspectos análogos aparecem nos cultos, rituais e doutrinas remotas.

Da mesma maneira não se tratará de algo errado só porque a opinião acadêmica vigente que se origina sempre no ontem – não o conhece ou não o reconhece. Nós nos encontramos justamente dentro de uma época em plena reviravolta, onde em todos os pontos ocorrem decisivas reorientações de caráter revolucionário; pensemos na história da psicanálise e consideremos as mudanças na arte moderna e na física.

C.G. v. WEIZSACKER explicou recentemente em palestra pelo rádio: estamos na ciência, hoje em dia, em todos os pontos, na finalização da constatação, da colheita de evidências fatuais. Assim, disse ele, a Terra está, pelos geógrafos, tão cuidadosa e completamente explorada, que não há nos mapas, nenhum espaço em branco; também os químicos já descreveram inteiramente os elementos existentes hoje em dia; também na física – ele acha – o descobrimento das partículas elementares do átomo pode ser encarado como acabado. Com isso, poderia alguém perguntar, ter-se-ia realmente atingido o fim da pesquisa científica? Não, respondia WEIZSACKER a essa pergunta por ele mesmo formulada, justamente agora começará a próxima tarefa da pesquisa: sabendo O QUE, teremos que compreender o COMO. Se posso formular isso com palavras de GOETHE, tratar-se-ia da questão do espírito que tudo congloba.

A meu ver, também a psicologia profunda encontra-se diante dessa tarefa inteiramente nova. Depois de elaborar com afinco os fatos de ordem empírica, levanta-se também para ela a questão do Sentido que atua em tudo, e assim também do Sentido na sensualidade.

De certo ganharemos essa compreensão de Sentido não em tentativas de reavivamento de pontos de vista passados, nem em sentimentos “bio-líricos”, em sacralizações artificiais ou coisa semelhante, mas sim apenas por aquilo que para o nosso pensar torna transparente o lado interior do fenômeno, aquilo que atua nele, aquilo que se revela nele, enquanto, falando de novo com GOETHE – transmite para nós o reflexo colorido da grande luz. Não dá para omitirmos o saber e o raciocínio; já comemos da árvore do conhecimento; já não é possível para nós o recuo à inocência paradisíaca do não saber. Por isso, estou convicto, também a moda moderna de Zen, não fará progredir –

isto é uma crítica que se dirige naturalmente apenas contra à moda de Zen e não contra espíritos como HERRIGEL e v. DURCKHEIM. O conhecimento moderno – quando se trata dos grandes fenômenos da existência – não pode ser, de forma unilateral, apenas mental-racional; esse modo para nós peculiar de conhecimento, terá que se completar pela incorporação dos aspectos mágico-míticos do ser: assim evitam-se os erros no (anteriormente criticado) empobrecimento do criativo-generativo e sua justificação quanto ao propósito. E fornecendo a base radical, curar-se-á também o Ágape, aliás bastante anêmico.

Não recebe a natureza, já nessa fase de transformação, um novo vulto? Devemos tomar a sério a visão de W. HEISENBERG: nunca a natureza mesmo, como tal, mas apenas a natureza por nós questionada, é objeto de indagação, isto é, nós, em cada objeto reconhecido, encontramos a nós mesmos, porque é dado ao ser humano dessa época revolvante encontrar uma natureza em mutação. (Nota: o Princípio da Incerteza de Heisenberg afirma que o observador sempre interfere no objeto observado).

Hoje em dia trata-se de experimentarmos nas ocorrências da natureza – cujo conhecimento, numa plenitude tão rica, devemos à pesquisa científica – categorias mais profundas que se exprimem e se efetuam através de seus eventos. Justamente assim como WEIZSACKER propõe, depois da época das constatações dos fatos, chegará o momento em que os fenômenos falem a nós nos seus trajetos de maior penetração, para que se tornem para nós significativos no seu sentido mais pleno. A constatação fixa, mas o vivente flui em constante mobilidade! Quando se transgridem os limites do constatável, porque já insuficientes, dar-se-á a admiração: isto, (não porém a dúvida !), nos levará ao lado interior do fenômeno. O sujeito constatante violenta sempre sua vítima. Quem constata querera, quando forem estruturados os sistemas, dispor e dominar, finalmente procurará ter poder sobre as coisas. Isto é porém, o contrário da pesquisa autêntica. A experiência verdadeira é concedida só ao “tomado”, só ele vivenciará o novo, o ainda desconhecido, só nele poderão se formar os necessários órgãos internos de adaptação, adequadamente correspondentes aos fenômenos. De tal fusão ambos os componentes saem transmutados.

O espírito humano desde todo o sempre trouxe a nova luz, a só-natureza: criou nas florestas virgens e matas, parques, jardins e bosques, transformou as ervas selvagens em

cereais, as frutas agrestes em frutas cultivadas; nas colunas dos templos, dos portões, dos pátios, ressurgiu a árvore transformada; a caverna dos animais desenvolveu-se em moradia como edificações artísticas, de maneira mais excelsa nas catedrais, o canto dos pássaros renasceu nas cantigas dos troveiros, a harmonia das esferas tornou-se música e matemática; das extremidades animais surgiram, no mundo imbuído pelo espírito dos homens, instrumentos eficazes – da mesma maneira metamorfoseava-se o cio da criatura, a pulsão cega do vir-a-ser e do perecer, no erotismo do Sexus. No Eros o instinto, que no ser humano não é amarrado nos ritmos periódicos e ímpetos procriativos, encontra sua estruturação humana (que pela negação não poderia ser realizada).

Como um artista trata seu material, fiel à sua substância, compenetrado pela tarefa interna – o escultor com a pedra ou a madeira, o pintor com a tela e as cores, o poeta com o som e a palavra canora, assim, de maneira idêntica, nos é apontada a meta, de trabalhar adequadamente com o natural-telúrico, cuja condensação mais essencial é o Sexus. Parecem existir aqui analogias com o princípio HARA, sobre o qual v. DURCKHEIM discursou na sua notável obra: “HARA, o centro telúrico do homem” (Munique – Planegg 1956).

Não são as colunas, o obelisco, a torre, o renascimento do princípio fálico, como a casa e o espaço representam a entidade maternal-uterina? Sempre e em qualquer parte a criação encontrará a sua imagem mais altamente realizada, na obra humana.

Enquanto o ocidental não conseguir de novo sair do seu desolamento metafísico, indo mesmo ao encontro da natureza, para que TUDO seja símbolo representante da vontade e ação criadora que atua oculta, não achará sua relação digna com o princípio gerador, não terá a sua união real, não poderá ser o coadjuvante no mistério eterno do Sexus.